

Annita Clark-Weaver

# Saudades

memórias de uma família brasileira  
da monarquia ao novo milênio

*duas memórias entrelaçadas - seis gerações - dois países*



EDITORA  
**Vida &  
Caminho**

## **Descobrimos as Heroínas Esquecidas do Presbiterianismo Brasileiro**

A história do Presbiterianismo no Brasil tem uma grande lacuna: a falta de uma historiografia que dê visibilidade ao trabalho desenvolvido pelas mulheres na implantação da fé reformada em nossa pátria. Como bem observou o historiador Rev. Alderi Souza de Matos em seu estudo “*Para Memória Sua: a participação da mulher nos primórdios do Presbiterianismo no Brasil*”<sup>1</sup>, essa ausência representa não apenas uma lacuna acadêmica, mas uma injustiça histórica que priva as gerações atuais de conhecer as verdadeiras pioneiras da fé protestante em solo brasileiro.

É precisamente essa lacuna que o livro “Saudades: Memórias de uma família brasileira da Monarquia ao novo Milênio” vem preencher de forma magistral. Através das reminiscências íntimas e tocantes de Francisca Pereira de Moraes Clark – carinhosamente conhecida como “Chiquita” –, somos transportados para uma época em que o Brasil vivia transformações profundas, e onde mulheres corajosas e visionárias plantaram as sementes de uma nova fé em território nacional.

Francisca Pereira de Moraes representa um dos mais notáveis exemplos de pioneirismo feminino na história do protestantismo brasileiro. Nascida em 2 de junho de 1868, na pequena cidade de Caldas, no interior de Minas Gerais, ela foi uma das primeiras alunas da Escola Americana de São Paulo no século XIX – instituição que mais tarde se tornaria a prestigiosa Universidade Presbiteriana Mackenzie. Sua trajetória educacional, por si só, já a colocava em uma posição de vanguarda numa época em que o acesso à educação formal era extremamente limitado para as mulheres brasileiras.

Mas o pioneirismo de Chiquita não se limitou aos bancos escolares. Seu casamento com o missionário norte-americano Myron Augustus Clark (1866-1920) representou não apenas a união de duas vidas, mas a convergência de duas

---

1 FIDES REFORMATA, Vol. 3, n. 2, s/p. São Paulo: Editora Mackenzie, 1998.

culturas e duas missões. Myron Clark não era um missionário qualquer: ele foi o fundador da Associação Cristã de Moços (YMCA) no Brasil, uma instituição que revolucionaria o trabalho social e educativo cristão em nosso país. Através dessa união, Francisca tornou-se não apenas esposa de um pioneiro, mas ela própria uma protagonista na construção de uma nova realidade social e religiosa no Brasil.

Uma das dimensões mais fascinantes da história de Francisca é seu relacionamento familiar com uma das figuras mais emblemáticas do presbiterianismo brasileiro: o Reverendo Eduardo Carlos Pereira. Primo de Chiquita, o Rev. Eduardo foi pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo e o grande líder do movimento pela autonomia do presbiterianismo brasileiro, culminando na fundação da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil em 1903.

Essa conexão familiar não era meramente genealógica, mas representava uma rede de influências e convicções que moldaram o destino do protestantismo nacional. Através das páginas de “Saudades”, podemos vislumbrar as tensões, os debates e as paixões que animaram essa geração de pioneiros. Francisca, com sua perspectiva única de mulher, esposa de missionário e prima de um dos principais líderes presbiterianos, oferece-nos um testemunho privilegiado desse período crucial da história eclesiástica brasileira.

A trajetória de vida de Francisca é, em si mesma, um retrato fascinante da mobilidade social possível através da educação e da fé protestante no Brasil do século XIX. Nascida em uma família de origem humilde na pequena Caldas, ela conseguiu, através de sua educação na Escola Americana e de suas relações de proximidade com os missionários presbiterianos norte-americanos, o que lhe possibilitou conhecer o seu esposo, Myron Clark, ascender aos escalões mais renomados da sociedade brasileira do início do século XX.

Suas reminiscências nos levam desde as memórias bucólicas da infância mineira até os salões elegantes do Rio de Janeiro, então capital da República. Mais impressionante ainda é o relato de seus encontros com personalidades de destaque internacional, incluindo uma conversa pessoal com Theodore Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos. Essa ascensão social não representa apenas uma história de sucesso individual, mas ilustra o poder transformador da educação protestante e o papel das mulheres como agentes de mudança social.

“Saudades” não é apenas uma narrativa brasileira, mas uma saga internacional que se desenrola em três continentes. As reminiscências de Francisca nos transportam para os Estados Unidos, onde ela viveu experiências formativas

que ampliaram sua visão de mundo, e para Portugal, onde ela testemunhou as transformações sociais e políticas do início do século XX, com destaque para a Primeira Guerra Mundial.

Essas experiências internacionais enriquecem extraordinariamente sua perspectiva sobre o Brasil e sobre a missão protestante. Francisca não era apenas uma observadora passiva, mas uma participante ativa na construção de pontes culturais entre diferentes nações e tradições. Suas memórias revelam uma mulher cosmopolita, mas profundamente enraizada em sua identidade brasileira e em sua fé cristã.

Um dos aspectos mais tocantes das reminiscências de Francisca é seu relato da viuvez prematura, quando cinco dos seus seis filhos ainda eram solteiros e em idade universitária. Essa experiência de perda e responsabilidade revela a força interior de uma mulher que soube transformar a adversidade em oportunidade de crescimento pessoal e espiritual. Suas reflexões sobre a maternidade, a educação dos filhos e a manutenção da fé em tempos difíceis oferecem lições atemporais sobre resiliência e esperança.

A forma como ela enfrentou os desafios da viuvez, mantendo-se ativa na vida social e religiosa, demonstra não apenas sua força pessoal, mas também o papel fundamental que as mulheres desempenhavam na sustentação das comunidades protestantes brasileiras. Sua história é um testemunho eloquente da capacidade feminina de liderança e influência, mesmo em uma sociedade predominantemente patriarcal.

“Saudades” apresenta uma estrutura narrativa única e fascinante: é um entrelaçamento de duas vozes femininas separadas por gerações, mas unidas pelo amor à família e pela paixão pela memória. As reminiscências de Francisca, escritas em cadernetas de rascunho de companhia aérea e preservadas por décadas, são complementadas e contextualizadas pela narrativa de sua neta, Annita Clark-Weaver, que empreendeu uma verdadeira jornada de redescoberta de suas raízes brasileiras.

Essa dupla perspectiva – a da protagonista e a da descendente pesquisadora – enriquece extraordinariamente a narrativa, oferecendo tanto a intimidade das memórias pessoais quanto a profundidade da análise histórica. Annita Clark-Weaver não se limitou a transcrever as memórias de sua avó; ela empreendeu viagens ao Brasil, pesquisou arquivos, conversou com parentes e reconstituiu o contexto histórico e social das experiências narradas.

A publicação de “Saudades” em português representa uma contribuição inestimável da Editora Vida & Caminho e da Igreja Presbiteriana Independente do

Brasil para o resgate da história do presbiterianismo nacional. Mais do que isso, o livro oferece uma perspectiva única sobre a contribuição que o protestantismo deu para o desenvolvimento da educação e da cultura em nosso país.

Através das experiências de Francisca na Escola Americana, podemos compreender melhor o papel revolucionário que as instituições educacionais protestantes desempenharam na modernização do Brasil. A educação mista, o ensino de línguas estrangeiras, a formação de professoras, a valorização da leitura e da escrita – todos esses elementos, hoje considerados naturais, foram introduzidos no Brasil em grande parte através do trabalho missionário protestante.

Esta apresentação é apenas uma degustação das riquezas que aguardam o leitor nas páginas de “Saudades”. As histórias narradas ora por Chiquita, ora por sua neta Annita Clark, formam um mosaico fascinante de experiências humanas, transformações sociais e crescimento espiritual. Cada capítulo revela novas facetas dessa mulher extraordinária e de sua época, convidando-nos a uma jornada de descoberta que é, simultaneamente, histórica, cultural e profundamente pessoal.

O livro nos convida a refletir sobre questões que permanecem atuais: o papel das mulheres na sociedade, a importância da educação como instrumento de transformação social, a riqueza do diálogo intercultural, a força da fé em tempos de adversidade e o valor inestimável da memória familiar como patrimônio histórico.

“Saudades” não é apenas um livro sobre o passado; é uma janela para compreendermos melhor nosso presente e uma fonte de inspiração para construirmos um futuro mais justo e inclusivo. É um convite para conhecermos as heroínas esquecidas de nossa história e para valorizarmos o legado de coragem, fé e determinação que elas nos deixaram.

Que a leitura dessas páginas desperte em cada leitor a mesma paixão pela descoberta que animou Francisca Pereira de Moraes Clark em sua jornada extraordinária pelas montanhas de Minas, pelos salões do Rio, pelas igrejas americanas e pelas cidades portuguesas. Que suas “saudades” se tornem também as nossas, e que sua memória continue a inspirar novas gerações de brasileiros e brasileiras na construção de um país mais educado, mais justo e mais fiel aos seus melhores valores.

*Rev. Dr. Sergio Gini  
Presidente da Assembleia Geral da IPI do Brasil  
Inverno de 2025*

## SOBRE O TEXTO

As *Reminiscências* de minha avó brasileira chegaram até mim escritas em quatro cadernetas de rascunho de companhia aérea, desorganizadas e incompletas, com alguns lapsos óbvios na narrativa e nos números de páginas. Ela escreveu em inglês, sua segunda língua, com muitas frases e palavras em português. Depois, eu recebi centenas de páginas soltas, cartas, recortes de jornais, páginas de calendário, e diversas registros, a maioria escrita a mão (apesar de que algumas foram digitalizadas), algumas em inglês, algumas em português, quase todas frágeis e amareladas pelo tempo.

Apesar de ela querer, certamente, que esse material fosse lido e provavelmente que fosse traduzido, não se tem conhecimento de outras cópias digitadas, exceto por trinta e cinco páginas intituladas de *Reminiscências* que foram transcritas dessas cadernetas.

Eu organizei esses papéis em capítulos, os nomeei, removi as partes de interesse limitado, e mudei sua gramática e sintaxe quando necessário para maior clareza. Mas, ainda continua sendo a história da minha avó, contada por suas próprias palavras.

Em São Paulo, minha prima-segunda, Yedda, me presenteou com os contos de sua avó, Cacilda<sup>1</sup>, irmã de vovó, escritos em 1951 sobre sua infância em Caldas, Minas Gerais. Essa *História Verdadeira*, como ela chamou, foi especialmente importante para mim porque respondia a algumas perguntas que eu tinha enquanto lia a história da minha avó. Eu traduzi algumas partes da narrativa que minha tia-avó Cacilda escreveu para seus bisnetos, e eu incorporei partes disso na narrativa da minha avó.

Minha avó, vovó como nós a chamávamos, nos deu pouca informação do período entre 1883 a 1889, entre seus quinze a vinte e um anos, quando ela era estudante em um internato em São Paulo<sup>2</sup>. É provável que a memória desses anos estava nas páginas perdidas das cadernetas, páginas 106-152. Foi durante esse período que sua mãe morreu. Eu presumo que vovó tenha escrito sobre esse período e

---

1 Cacilda Pereira de Moraes (1873-1960) foi a sétima filha (entre 10) do casal Manoel Pereira de Moraes e Maria Ovídia Pereira de Camargo. Ela se casou em 1893 com o presbítero Remígio Cerqueira Leite, da 1ª. Igreja Presbiteriana de São Paulo. Remígio foi um dos principais líderes do nascimento da IPI do Brasil, em 1903. N. do. E.

2 Chiquita foi aluna do internato da Escola Americana de São Paulo, mantida pela Igreja Presbiteriana. Mais tarde, a Escola Americana tornou-se o Mackenzie College, atualmente a Universidade Presbiteriana Mackenzie. N. do E.

sobre esses fatos tão importantes na vida de uma jovem mulher. Eu usei minha imaginação, baseada nos fatos que eu conheço, graças a dados genealógicos e diversas fontes familiares, para marcar esse período e preencher os espaços vazios com uma pitada da minha própria imaginação. Foi nessa parte somente.

*Saudades* é um entrelaçado de duas memórias distintas. É majoritariamente a história da minha avó; escrita em suas palavras, contendo diversas frases e sentenças em português. No decorrer do livro, esses capítulos estão editados em formato normal, seguindo as margens e parágrafos de um livro comum. Os capítulos os quais eu escrevi são identificados por um pequeno recuo na margem esquerda, para ficar diferente dos capítulos da minha avó. Eles relatam minhas experiências no Brasil e formam um mapa de voo para o decorrer da narrativa da vovó. As fontes utilizadas também são diferentes para que o leitor se familiarize com a dinâmica do livro.

Essa é uma família bem grande, e para ajudar o leitor, incluí um índice com os nomes e números referenciais para um guia genealógico. Pelo fato do primeiro nome ou apelido serem comumente utilizados sem sobrenome, o índice é alfabético pelo primeiro nome ou apelido (em parênteses) ao invés dos sobrenomes. O nome da minha avó está impresso em **negrito**. Incluí o mapa do Brasil para mostrar lugares importantes para essas histórias e para indicar nossas viagens por lá.

Uma complicação a mais: entre os anos de 1915 e 1943, Brasil e Portugal simplificaram a ortografia e a fonética da língua portuguesa. A ortografia usada por minha avó na maior parte, não consistente com essa simplificação, sendo mais antiga. Eu, usei o sistema ortográfico atual. Por isso, deve haver algumas discrepâncias de fala no texto. Entretanto, isso deve ser o único problema para os leitores que percebem e se incomodam com as inconsistências da língua portuguesa.

*Annita Clark-Weaver*

## PRÓLOGO

Eu estive lendo velhas cartas ... não posso falar muito aqui, por isso eu mandarei, meus netos, uma delas, escrita quando seu avô estava longe de casa. Águas profundas novamente ... mas eu amo ir ao fundo desse grande oceano do passado e recuperar essas preciosas pérolas.

— *Chiquita para seus netos*

Encontrei o recorte anexo aqui na minha mesa ontem. Acho que você já viu isso antes, mas mandarei para você assim mesmo. Quanto à primeira estrofe é como o nosso caso, não é, minha querida? Myron.

— *Myron para Chiquita, 2 de abril de 1913*





The background of the page is a solid blue sky. In the upper right corner, there are five bright, multi-pointed star-like light sources. On the far left edge, there is a dark, vertical, textured bar that appears to be a scan artifact or a binding element.

# I. Infância

Minha avó brasileira — vovó para seus netos, Chiquita para sua família e amigos — nasceu Francisca Pereira de Moraes, em Caldas, Minas Gerais, em 1868. Ela contava sessenta e três anos quando nasci em 1931. Nossas vidas se entrelaçaram por trinta e um anos; nós duas nos tornamos bilíngues e, em partes, biculturais. Apesar de ela ter passado muito mais tempo nos Estados Unidos do que eu no Brasil, nós duas nos sentíamos em casa nos dois países. Nós vivemos por um tempo sobre o mesmo teto em Athens, Ohio, e na casa do meu tio Neco no Rio de Janeiro.

Em meados do século dezoito, a área em volta da cidade da vovó era ocupada por indígenas pacíficos chamados de Caiapós<sup>1</sup>. Sua vila, originalmente chamada de *Arraial de Nossa Senhora do Rio Verde das Caldas* foi fundada em 1806 por Antônio Gomes de Freitas, um nativo português, que veio ao Brasil a procura de ouro e nunca encontrou<sup>2</sup>. Em 1833, o ano do nascimento de seu pai, a população de Caldas era de 5.320 habitantes; em 1842, próximo do nascimento de sua mãe, cresceu para 12.845 moradores. De acordo com um depoimento dado em 1920 por uma velha senhora negra de Caldas, de nome Esperança, que dizia ter 114 anos de idade, “eu já era grande quando foram construídas as duas primeiras casas alinhadas nesta cidade”<sup>3</sup>. Uma das casas era a de Pedro Antônio da Silva, bisavô da vovó<sup>4</sup>.

Em 1868, o ano em que a vovó nasceu, o Brasil estava engajado em uma guerra sangrenta com o Paraguai para defender as suas fronteiras<sup>5</sup>. O país era uma economia rural dominada por aristocratas donos de terras (fazendeiros) que detinham grande poder político e social. O café havia substituído o açúcar como o produto de exportação primário do Brasil, e as principais regiões produtoras de café eram o sul de Minas e o vale do Paraíba, na província de São Paulo. O comércio de escravos foi abolido em 1854, mas a escravidão ainda era legal e a economia do país dependia do trabalho sem salário dos escravos. Os fazendeiros

---

1 A informação sobre os antigos habitantes de Caldas veio do maravilhoso livro dado a mim pela minha amiga Mailde Jerônimo Tripoli: PIMENTA, Reynaldo de Oliveira. *O Povoamento do Planalto da Pedra Branca: Caldas e região*. São Paulo: Editora Marta Amato, 1998.

2 PIMENTA, p. 141.

3 Ibid., p. 155.

4 Pedro Antônio da Silva (1789-1879) foi pai de Francisca Carolina da Silva que se casou em Caldas, em 1843, com Joaquim Pereira de Camargo. Francisca e Joaquim foram pais de Maria Ovídia, mãe de Chiquita. *N. do E.*

5 Apesar de uma história de conflitos sobre fronteiras, Brasil, Argentina e Uruguai juntaram forças em 1865 na chamada Guerra da Tríplice Aliança para derrotar o ditador paraguaio, Francisco Solano López. A guerra durou cinco anos, e todos os exércitos sofreram muito de insolação, febre, e com insetos tropicais em pântanos e florestas; López foi derrotado primariamente por fome e doenças. Homens velhos, mulheres e garotas tomaram os lugares dos homens que faleceram. No final da guerra, o Paraguai foi praticamente aniquilado e as mulheres acima de quinze anos eram quatro vezes mais em número do que os homens. HARING, 1958, p. 78-83.

e seus filhos, educados na profissão, “monopolizavam a política dominando o parlamento, os ministérios, ocupando posições gerais de autoridade e afetando a estabilidade das instituições por seu domínio inquestionável”<sup>6</sup>.

Apesar de não sabermos o porquê ou quando os ancestrais da vovó chegaram ao Brasil, eles se estabeleceram em Minas por volta de 1763, perto do fim do “ciclo do ouro” e no começo do “ciclo pastoril”. Baseado no sobrenome *Pereira* (árvore que dá pêra), eles provavelmente eram descendentes de judeus sefarditas em Portugal. Em 1868, quando vovó nasceu, o Brasil era uma monarquia sob o governo de D. Pedro II. Seu avô, D. João VI, se tornou o primeiro Imperador do Brasil e de Portugal em 1808, quando o exército de Napoleão mandou a corte real de Lisboa para o Rio de Janeiro, que se tornou temporariamente a capital do Império português.



Quando D. João a contragosto retornou para Portugal em 1821, deixou seu filho, D. Pedro, no seu lugar como regente. D. Pedro prontamente declarou o Brasil independente de Portugal. Os Estados Unidos, no governo do presidente Monroe, foi o primeiro país a reconhecer o novo Estado e D. Pedro I como “Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil”. Ele reinou por nove anos, até 1831, quando por causa de várias pressões econômicas e políticas, especialmente em sua terra natal, ele abdicou em favor de seu filho D. Pedro II, que tinha cinco anos de idade. Ele achou que Pedro II, nativo brasileiro, seria mais bem aceito por seus súditos do que um líder português.

Nesse período, o Brasil foi governado por três regentes e, em 1834, por um único regente escolhido pelo Parlamento. Em 1841, D. Pedro II, com quatorze anos, foi coroado como Imperador. Ele reinou por quarenta e nove anos e foi um es-

<sup>6</sup> HOLANDA, 1948, p. 89-90.

tudioso e patrono da ciência. Ele era amado pelas pessoas por suas qualidades humanas de honestidade, tolerância e espírito público<sup>7</sup>.

Apesar de ter nascido quando minha terra natal estava sofrendo da grande depressão econômica, minha primeira década de vida em Athens, Ohio, uma pequena cidade colegial fundada aos pés das montanhas Allegheny, eram tempos felizes, com minhas irmãs, parentes e avó materna, Nanny. As crianças da vizinhança, de todas as idades, brincavam lá fora nas longas tardes de verão — jogos que nós aprendemos de outras crianças e outros que nós mesmo criamos. Nos invernos nos agasalhávamos com gorros e luvas, leggings e galochas. Fazíamos anjos de neve e sorvetes, e descíamos a colina com nossos trenós. Algumas vezes *vovó* nos visitava, e isso era um evento especial.

---

<sup>7</sup> As informações do contexto sobre a família real Portuguesa/Brasileira foram majoritariamente obtidas da minha leitura de HARING, 1958.

## CAPÍTULO 1

# A Gringa no Brasil

*Caldas, Minas Gerais, Brasil, 13 de novembro de 1984*

Sou a única pessoa no ônibus com uma maleta — uma grande — entre os pacotes, latas de leite, sacos de arroz — e no corredor, uma caixa cheia de cachorrinhos. Minha maleta me envergonhava; era como se gritasse: *gringa*. Sou alta, cinquenta e três anos, viajo sozinha. A maleta e eu nos destacávamos. As memórias de minha avó, escritas nas cadernetas amarelas e frágeis da companhia aérea, eram preciosas e frágeis demais pra trazer comigo, então levei fitas gravadas que fiz sobre elas, e algumas páginas datilografadas que transcrevi. Minha maleta também leva uma árvore genealógica (traçando as minhas raízes brasileiras até um ancestral chamado Joaquim Bueno de Camargo, que viveu de 1763 até 1868), uma máquina de escrever e um gravador de fitas, no caso de encontrar alguém com histórias pra contar.

Estive viajando por Minas Gerais de ônibus, a terra do coração interiorano brasileiro, por algumas semanas, depois de um mês no Rio de Janeiro e três semanas voando pelo país com um Brazil Air-Pass<sup>8</sup>. Agora estou sozinha em uma terra dos sonhos, ninguém para interromper minhas percepções — sem pensar muito sobre qualquer coisa, apenas observando — porém, estou ficando cada

---

<sup>8</sup> Modalidade de venda de passagens aéreas para vários destinos em uma única compra, específico para moradores de fora do Brasil. N. do. E.

vez mais empolgada enquanto me aproximo de Caldas, o lugar de nascimento de minha vovó, Francisca Pereira de Moraes Clark.

Agora na parte final de minha jornada, sinto uma combinação peculiar de empolgação e satisfação, aquela calma que temos depois de retornar para casa depois de um longo tempo fora. Enquanto espero pelo ônibus, eu encontrei Denise, uma jovem simpática com um rosto bonito, bochechas rosadas, lábios vermelhos carnudos e olhos alegres, que me lembravam de alguém que conhecia lá em casa. Ela está voltando para Caldas, vindo da cidade vizinha de Poços de Caldas e fica curiosa sobre mim. Caldas não é um ponto turístico e nessa parte do Brasil não é comum ver uma mulher viajando sozinha a não ser, como ela, alguém que está fazendo compras. Nos sentamos no ônibus que percorria um caminho sinuoso (único caminho) para Caldas, e falamos sobre minha missão.

Eu contei a história das reminiscências de minha avó enquanto procurava alguma marcação na paisagem que vovó descreveu — os pinheiros e a Pedra Branca, o pico da montanha que minha avó um dia imaginou ser um barco no distante mar. Denise apontou pra ele. Eu expliquei que queria ver o lugar que minha avó nasceu, e possivelmente encontrar pessoas ainda vivas que pudessem se lembrar dela. Conte pra ela sobre o João, o escravo. Ela me disse que vai me ajudar, e que as outras pessoas também, e depois de uma viagem de meia hora, o que é bastante tempo pra se enturmar, nós chegamos em Caldas, onde ela me ajudaria a pegar um táxi para o hotel que eu havia reservado.

Não posso acreditar que estou em Caldas! É como caminhar no passado. Vovó chamava de uma pequena cidade poética — é uma cidadezinha adorável com estruturas de reboco com paredes grossas e telhados vermelhos, estradas incertas e onduladas, flores vibrantes e árvores com os mais variados tons de verde. Em torno das montanhas, vovó escreveu sobre os limites de seu mundo, e no meio da cidade, a praça — um amplo e longo jardim, cercado por ruas de paralelepípedos e ancorada por uma igreja no fim. Pelas janelas de minha mente pude ver o velho largo de cem anos atrás, enlameado e ondulado, cavado pelas patas do gado e das cabras. Eu imaginei como a igreja era na época, com o cemitério atrás, e no largo uma grande cruz preta pendurada pelos instrumentos de tortura que ocasionalmente ainda se vê no Brasil rural. Hoje, a praça convida passageiros para sua fonte e bancos de pedra, mas nos tempos de minha avó era um lugar assustador, dominado pela imensa cruz. Velhas casas e lojas, a maioria parecida com a foto que tenho da casa da vovó, olhando para rua dos dois lados da praça, que fica no cume. De ambos os lados desta longa praça plana, ruas perpendiculares descem vertiginosamente.

Há antenas de televisão em algumas das casas e o *rock and roll* está estridente nas ruas, mas em minha mente, a praça ainda é o largo do Campo de Ação de minha avó, com a assustadora cruz e o chafariz, uma torneira onde os escravos bombeavam a água para cozinhar, lavar e tomar banho enquanto contavam histórias uns aos outros. Senti-me como se tivesse saído de uma máquina do tempo. É um lugar gentil e posso sentir a presença da vovó aqui.

Estou intrigada e cheia de antecipação silenciosa. Algo incrível está esperando por mim aqui.



1870. Chiquita no colo do pai, sua mãe grávida de Ophida

---

14 Modalidade de venda de passagens aéreas para vários destinos em uma única compra, específico para moradores de fora do Brasil. N. do. E.



Fachada da casa onde nasci em 1920 Henry tirou isso em 1920

## CAPÍTULO 2

# Asas da Memória

*Wellsville Ohio, EUA, março de 1930 — julho de 1934*

**T**er muito o que fazer e não ter o tempo para realizar todos os deveres que são depositados nos ombros de alguém, não é a coisa mais difícil. A coisa mais difícil é ter doze horas à sua disposição em uma pequena cidade onde você é um estranho, e a companhia da única pessoa que é sua parente de sangue está disponível apenas por míseros minutos por noite. Depois que seus olhos se cansam de costurar, tricotar, ler ou escrever cartas para sua família que está espalhada por diversas cidades em dois países diferentes, e você vê mais de seis décadas passando sobre sua cabeça a mais de cinco mil milhas de distância da terra que chama de casa, você não pode se culpar em pensar nos seus dias da juventude e tentar viver nos tempos felizes que estão enterrados no passado.

É isso que estou fazendo sentada no meu quarto com duas janelas com vista da casa do meu filho mais novo, George<sup>9</sup>. Uma janela abre quase sobre o lindo Rio Ohio, e pela outra vejo o rio rastejar pelas colinas de West Virginia até desaparecer na curva de uma pequena ilha que divide as águas em duas correntes. Eu estou lembrando.

Eu lembro de uma noite quando eu visitei a casa do meu filho mais velho, Orton<sup>10</sup>. Eu estava sentada perto da lareira, meus netos escalando em mim pedindo pra contar uma história de verdade. contei pra eles alguns incidentes interessantes na

---

<sup>9</sup> George Williams Clark (1903-1959). É o pai de Annita. *N. do E.*

<sup>10</sup> Orton Skinner Clark (1895-1945). *N. do E.*